



Espacializar o tempo, temporalizar o espaço

Dilton de Almeida

JACQUES, Paola Berenstein. *Montagem de montagens: apresentação da cidade em transformação por Walter Benjamin*. Salvador: EDUFBA, 2026.

Dilton de ALMEIDA 

Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia; dilton.almeida@ufba.br

ALMEIDA, Dilton de. Espacializar o tempo, temporalizar o espaço. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, e 657, jun. 2026

data de submissão: 18/04/2026
data de aceite: 01/06/2026

DOI: 10.51924/revthesis.2026.v11.657

Contribuição de autoria: Redação – rascunho original: ALMEIDA, D.

Conflitos de interesse: O autor certifica que não há conflito de interesse.

Financiamento: CNPq

Uso de I.A.: O autor certifica que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

Editores responsáveis: Isis Pitanga e Rodrigo Scheeren





Figura 01
Capa “Montagem de montagens: apresentação da cidade em transformação por Walter Benjamin”. Fonte: JACQUES, 2026.

Durante anos, Walter Benjamin percorreu as salas da Biblioteca Nacional em Paris como quem segue um rastro que ainda não sabia nomear. Não procurava apenas livros, mas algo da ordem do imagético que se deixava entrever nas citações copiadas, nas gravuras e reclames, nos fragmentos reunidos, nas páginas que descreviam a cidade de Paris do século XIX e que voltavam a aparecer, fantasmaticamente, diante dos seus olhos enquanto caminhava pela cidade em transformação no séc. XX. O filósofo trabalhou, entre 1927 e 1940, em um livro que nunca chegou a existir como tal. Como um trapeiro, em seu lugar, deixou um extenso conjunto de fragmentos coletados, notas e citações que continuam a se reorganizar a cada leitura, como se recusassem de qualquer forma definitiva. Organizado em dossiês temáticos, esse material não se

fixou em uma versão final. Publicado postumamente a partir dos manuscritos preservados, o que hoje se conhece como *Passagens*, em suas diferentes edições, mantém visível essa condição de obra em processo, cuja extensão, organização e feição permanecem em aberto. É desse movimento errante, ao mesmo tempo paciente e obsessivo, que parte o ensaio *Montagem de montagens: apresentação da cidade em transformação por Walter Benjamin*, de Paola Berenstein Jacques (EDUFBA, 2026), ao buscar desvelar, de modo concreto, as formas de operação e os meios de produção de conhecimento mobilizados por Walter Benjamin em sua mais enigmática e extensa obra.

Paola Jacques (2026) aproxima-se de Walter Benjamin por meio de um gesto de investigação obstinada e rigorosa, conduzida por uma curiosidade brincante. Em vez de apenas interpretar *O livro das Passagens* à distância ou abstratamente, ela parece aceitar o desafio mais difícil: perseguir seus rastros, refazer seus gestos, buscando as fontes primárias mobilizadas por Benjamin, hoje dispersas na mesma Biblioteca, mas em diferentes unidades e departamentos de Paris, e rastreando os textos e suportes de onde as citações foram arrancadas. O ensaio se organiza nesse contato continuado com as fontes, em que compreender *a obra* passa por reativar, ainda que parcialmente, o trabalho que a produziu a partir de seus gestos refeitos no contemporâneo. Nesse regime de atenção, delineia-se a figura de uma pesquisadora-detetive. Jacques (2026) segue os rastros deixados por Benjamin, detém-se sobre indícios, acompanha recorrências, reconhece ligações que se estabelecem entre fragmentos dispersos e fontes das mais diversas, fazendo aparecer as redes de textos e imagens que o atravessam. O percurso da pesquisa recompõe-se à medida que esses materiais entram em relação e começam a esboçar uma lógica interna ao longo do seu desdobramento junto à cidade.

O Walter Benjamin que emerge através de Paola Jacques (2026) é portanto, um pensador situado, incorporado, que perambula pelas ruas de Paris como quem tateia as páginas das centenas de volumosos álbuns de estampas arquivados na Biblioteca Nacional totalmente imerso em diversas temporalidades urbanas. O gesto de caminhar prolonga o gesto de folhear, assim como a leitura se desdobra em obstinada investigação, fazendo emergir uma topografia temporal da cidade em transformação, como sabemos, atravessada pelas dinâmicas mágicas e fantasmagóricas do capitalismo e do consumo. Se o Benjamin frequentador de Ibiza, tal como explorado por Vicente Valero (2023), já nos

¹ Cf. VALERO, Vicente. *Experiência e pobreza: Walter Benjamin em Ibiza*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora 34, 2023.

faz entrever um filósofo brincante¹, que apostava no experimentalismo da escrita e na potência dos encontros e das amizades, o filósofo aqui constituído por Jacques (2026), para além disso, aparece imerso na cidade, atento às suas superfícies e às suas camadas quer seja em suas ruas ou nas imagens e gravuras das imensas páginas dos álbuns:

A experiência de folhear esses álbuns da série *Va* dedicados à Paris corresponde, ainda hoje, a uma flanância tátil pela história material da cidade, com diferentes épocas que se entrelaçam e podem ser percorridas a partir de cada um de seus mais distintos espaços urbanos. Folhear os álbuns corresponde a tatear várias camadas dos diferentes tempos de transformação da cidade, sempre em obras. Troca-se os gestos usuais dos pés, dos passos que descobrem uma cidade ao caminhar por suas ruas, pelos gestos das mãos do pesquisador, que viram as pesadas páginas dos grandes álbuns imagéticos: montagens urbanas de tempos heterogêneos. (JACQUES, p. 88)

Cidade e arquivo se apresentam em continuidade, como partes de um mesmo campo de experiência entre tempos e espaços. Palavra, imagem, escrito e vivido circulam no interior de uma mesma operação variante, ativando relações que se desdobram entre o arquivo e a experiência urbana. Biblioteca, cidade e as milhares de citações copiadas compõem, assim, uma espécie de sinédoque de afetos, tempos e espaços urbanos, em que a cada intervalo entre fragmentos condensa-se ritmos, tensões e transformações que atravessam o espaço urbano.

Mas esse gesto investigativo compartilhado não se esgota na figura do detetive. Há também, e talvez de modo igualmente decisivo e oportuno, algo de um pesquisador-criança. Não a criança como figura da ingenuidade, mas como aquela que curiosa desmonta o brinquedo peça por peça para compreender a lógica secreta de sua composição, o jogo interno de seus encaixes, a inteligência material de seus mecanismos. É nesse sentido que a leitura empreendida por Jacques (2026) se torna particularmente fecunda: ela não toma a obra e o pensamento benjaminianos como monumentos intocáveis, mas como artefato complexo a ser aberto, revirado, observado em suas juntas, intervalos, repetições e engrenagens. Seu rigor, portanto, não se opõe ao gesto brincante; ao contrário, encontra nele uma de suas formas mais produtivas. Brincar, aqui, implica aceitar o objeto, mas também a cidade, como campo de experimentação, como um espaço de pensamento cuja lógica se revela a quem se dispõe a desmontá-la e remontá-la sem destruir sua potência.

Ao seguir minuciosamente as fontes mobilizadas por Benjamin, recompor a proveniência das citações e recolocar em relação materiais dispersos, o ensaio faz aparecer não apenas novos dados sobre a cidade, mas desvela um modo concreto de funcionamento do pensamento benjaminiano. O que se delinea, a partir dessas operações, é um modo de pensar que se constrói por coleta e por montagem, não apenas como procedimento próprio de Benjamin, mas em atenção às montagens já realizadas por outros sujeitos, alguns deles até aqui anônimos, cujos materiais e arranjos são retomados, deslocados e reinscritos. Nesse sentido, o pequeno ensaio não se limita a esclarecer a obra das *Passagens*, mas nos torna legível o próprio regime de pensamento que a põe em existência. É precisamente aí que reside a força e o caráter singular do trabalho: ao expor esse modo de pensar, o livro ilumina aspectos ainda pouco explorados das *Passagens* e torna visível um Benjamin atento às montagens que recolhe e reinscreve. É nesse deslocamento, ao mesmo tempo preciso e persistente, que o livro se inscreve como uma leitura que se faz notar, abrindo novas possibilidades de interlocução no campo dos estudos benjaminianos, em que a relação com a cidade e seus tempos e espaços já não se deixa facilmente apartar.

